

AJ07920
6A7/92 Junho 81

FAZENDA DO CENTRO

Destruíram quase tudo, mas ainda é possível ver muita coisa bonita

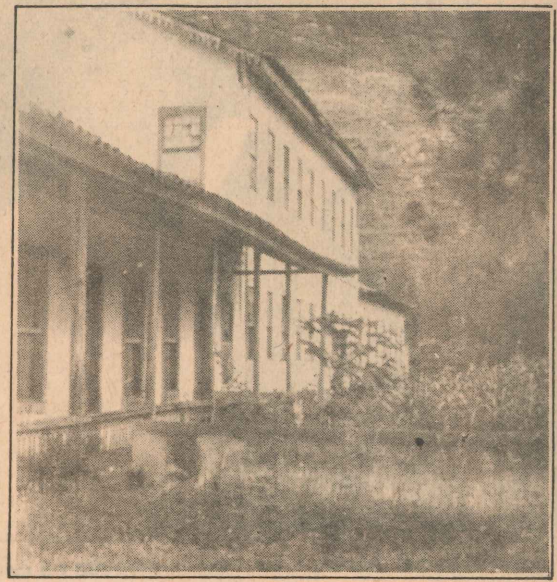
A Fazenda do Centro, que concentra, a 15 quilômetros de Castelo, um dos mais ricos acervos históricos do Estado, está abandonada, mas os estudos da Funarte e do Instituto do Patrimônio Histórico podem salvá-la, transformando-a em reserva ecológica.



As paredes estão rachadas em vários pontos e a madeira começa a apodrecer



Antonio Benicá: "isto aqui é um tesouro".



A casa principal está praticamente destruída

Texto e Fotos Daniel Lopes

A Fazenda do Centro, uma área de 180 alqueires de terras na região mais bonita do município de Castelo, a 145 quilômetros de Vitória, com casas construídas pelos escravos, imagens raras, capela e muitas curiosidades dos séculos XVII e XVIII pode ser transformada a qualquer momento em Parque Nacional.

A idéia existe há muito tempo, desde quando a Prefeitura de Castelo levou até a fazenda, distante 15 quilômetros da sede do município, alguns técnicos da Funarte. Através deles a direção do Instituto do Patrimônio Histórico, em Brasília, tomou conhecimento do estado de abandono em que se encontra e já anunciou estudos que devem culminar com o tombamento de todas as construções antigas existentes.

Toda a área pertence aos padres agostinianos, que a adquiriram de particulares e aproveitaram o edifício principal — uma enorme casa com cerca de 1.800 metros quadrados de construção,

incluindo uma capela — para transformá-lo em Seminário. Há anos, porém, os religiosos se transferiram para a cidade e deixaram a fazenda por conta de arrendatários que não se preocupam em preservar sua história.

— Nós reconhecemos que não estamos dando a atenção devida à Fazenda do Meio — admite o secretário de Cultura e Turismo da Prefeitura de Castelo, Antônio Sérgio de Tassis — mas acho que agora o tombamento das construções antigas não deve demorar. Inclusive a Prefeitura já mandou fazer as placas de sinalização turística para orientar os visitantes interessados.

ACERVO VALIOSO

Mesmo abandonada, com paredes rachadas prestes a cair e madeiras atacadas por cupins, as construções existentes na Fazenda do Meio têm atraído a atenção do turistas de diversas regiões do Brasil. No natal do ano passado, por exemplo, o dono da única mercearia das proximidades, João Faco, contou a presença de 16 famílias que ficaram lá por cinco dias consecutivos.

— Elas se instalaram em barracas em frente à casa grande — recorda ele — e faziam comida, passeavam e brincavam muito com a gente. Eram as famílias Fracarolli e Gaturó, descendentes de italianos dessa região que hoje moram em Brasília. Lamentaram que aqui não existisse mais apoio para salvar esse lugar tão bonito.

Quem conhece o lugar também lamenta. A casa principal da fazenda fica perto da rodovia asfaltada que liga Castelo a Venda Nova — cerca de três quilômetros por uma estrada ruim, mas carroçável em qualquer época. Logo que chega o visitante se deslumbra com a presença de um cemitério — de construção relativamente recente — em pleno pasto, isolado.

de tão sujo e abandonado, é hoje um perigoso criatório de répteis venenosos.

As pequenas casas antigamente ocupadas pelos escravos ruíram ou foram derrubadas. O lugar onde eles eram castigados também e os apetrechos desapareceram, ninguém sabe quem levou. A capela foi saqueada várias vezes, mas ainda tem imagens raras, bonitas. Fica fechada, porque as missas dominicais que antes eram celebradas pontualmente, foram canceladas há muitos meses.

A área onde ficava o cemitério dos escravos foi vendida pelos padres e os novos proprietários, sem conhecimento ou interesse em preservar, transformaram-no em um curral de gado. O grande terreiro para secar café, é hoje um campo de futebol e os ferros rebuscados, trazidos especialmente de Portugal no século XVII, viraram ponto de apoio dos telhados prestes a desabar.

— Ninguém nega que isso é um tesouro. Um tesouro de enorme valor — afirma Antônio Benicá, um descendente de italianos que trabalha há 17 anos na fazenda, tomando conta das máquinas — e eu sei que os padres gostam muito desse lugar. Agora, as casas, algumas a gente mesmo é que derrubou porque elas estavam ameaçando cair. E se caíssem podiam machucar alguém, não é?

UNICA SOLUÇÃO

Em toda cidade existem comentários de que a fazenda está assim, abandonada, por causa do desinteresse demonstrado pelo superior dos agostinianos, que mora em São Paulo mas comanda todo o patrimônio da irmandade. Ele teria vendido os direitos da fazenda a outros religiosos — os Salesianos. Mas, nenhum padre ou frei de Castelo quis comentar o assunto. Eles demonstram aborrecimento e mal-estar, mas não falam.



Demonstre todo o seu carinho e amor da forma mais singela: com um beijo e uma flor.

- Flores • Cerâmica • Porta-retratos
- Cachepôs • Cristais • Porcelanas

Camélia Flores e Plantas Ornamentais
Av. Rio Branco, 237 - Vitória

Mais adiante um pouco, às margens da estrada, há uma grande igreja, cujo padroeiro é Santo Agostinho. Ela foi construída há 40 anos, segundo os moradores locais, com a ajuda de todos, mas hoje fica quase sempre fechada. É que faltam padres para celebrar a missa aos domingos.

Um pouco à frente do lado direito, surge uma grande construção que mistura pedra bruta, alvenaria e muita madeira de lei. O estilo pode ser considerado barroco, mas não há nenhum depoimento de estudiosos confirmando. Ela ocupa uma área de aproximadamente 1.800 metros quadrados, dispõe de 20 quartos e uma ala superior com vista para o antigo terreiro. Ao lado, com acesso por dentro e por fora, uma capela que embora saqueada algumas vezes ainda guarda imagens raras, candelabros e objetos sacros.

TESOURO DESTRUIDO

Há alguns anos, segundo o velho Manoel de Jesus Dias, um filho de português que nasceu na fazenda e hoje tem 72 anos de idade, existiam mais construções. A casa grande, sede do lugar, fechava uma espécie de retângulo que era ocupado por outras, menores, destinadas aos feitores, aos escravos. Além delas, áreas de alvenaria para o carro de boi, os utensílios de trabalho, o castigo para os desobedientes.

Bem em frente, um vasto terreiro onde o café era colocado para secar todos os anos. Atrás, pegado a capela de Santo Agostinho, um grande jardim de rosas vermelhas e um pomar com frutas das mais diferentes qualidades. E mais à direita, por trás das casas dos escravos, o rio que oferecia água boa para todos.

Pouca coisa resta, hoje. A casa principal perdeu todo o telhado do lado direito, substituído por outro, vulgar, de Eternit. Rachaduras nas paredes e cupins nas madeiras que seguram o teto antecipam uma situação de perigo. O porão,

Para recuperar o lugar e transformá-lo em ponto turístico, já se pensou em tudo, inclusive em transformá-lo em hotel-fazenda. Grupos econômicos de São Paulo teriam se interessado em adquirir os 160 alqueires ou parte deles. Outra idéia que prevaleceu até o ano passado era a de o Governo do Estado desapropriar toda a área e transformá-la em Parque Ecológico.

Motivos não faltam: a **Fazenda do Centro** é uma importante reserva ecológica, com rios, córregos, cachoeiras, montanhas lindíssimas, grande variedade de fauna e de flora e mais as construções antiquíssimas que teriam significado como acervo histórico importante para o Espírito Santo.

O pensamento agora, porém, é conseguir que o Governo Federal desaproprie a área transformando-a em Parque Nacional, a ser administrado pelo IBDF. Com isso, as construções antigas seriam tombadas pelo Patrimônio Histórico, a visitação pública intensificada, os recursos financeiros levantados e se chegaria a sua natural preservação, recuperando-se parte do que foi destruído e garantindo o que ainda existe.

Isso pode demorar. Por isso, é bom que o turista que aprecia as construções antigas aproveite enquanto é tempo. Ninguém pode garantir que a casa grande da **Fazenda do Centro** continuará de pé depois das pesadas chuvas desse inverno. Para chegar até lá basta seguir a BR—262 (Vitória-Belo Horizonte) e entrar à esquerda em Venda Nova, em direção a Castelo. A 10 quilômetros da cidade, comece a perguntar, porque ainda não existem placas de sinalização. Todo mundo conhece o lugar. Afinal, ele é um dos pontos mais bonitos do país e embora não ofereça nenhum apoio para o visitante, vale a pena ser conhecido.